

A formação escolar de Jovens e Adultos no Contexto Prisional ¹

The Formation of youths and adults in the prison context

Diego Verri ²

Hedi Maria Luft ³

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar de que maneira ocorre a formação de jovens e adultos no contexto prisional a partir da prática docente. Para o estudo ocupou-se da análise *in loco* da experiência através da docência no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos Agente Penitenciário Jair Fiorin localizado na Penitenciária Modulada de Ijuí e da análise de relatos por parte dos educandos. Os resultados obtidos derivam da necessidade de práticas pedagógicas direcionadas a educandos privados de liberdade pautadas no diálogo sobre a vivência de cada sujeito e o respeito a sua realidade. Os sujeitos são marcados por experiências e o partilhar destas situações faz com que o conhecimento e a cultura permaneçam vivos e assim o aprendizado pode ser compartilhado por todas as partes envolvidas no processo de ensino – aprendizagem. Mesmo se tratando de um espaço de muitos imprevistos, é fundamental considerar que a educação formal deve estar sendo uma das possibilidades de superação da situação vivida.

Palavras Chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação Prisional, Trabalho Docente.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how the formation of youth and adults occurs in the prison context from the teaching practice. The study focused on the *in loco* analysis of experience through teaching at the Youth and Adult Education Center Jair Fiorin Penitentiary located in the Modulada Penitentiary of Ijuí and the analysis of reports by the

¹ Atividade desenvolvida na Educação de Jovens e Adultos no sistema prisional, submetido ao X Seminário de Alfabetização da Unijuí.

² Mestrando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Bolsista Taxa CAPES.

³ Doutora em Educação, professora do Departamento Humanidades e Educação e do Programa de Pós-Graduação – Unijuí – Campus Santa Rosa. hedim@terra.com.br

students. The results obtained derive from the need for pedagogical practices directed at students deprived of freedom based on the dialogue about the experience of each individual and the respect for their reality. The individuals are marked by experiences and the sharing of these situations makes the knowledge and the culture remain alive and thus the learning can be shared by all the parties involved in the teaching - learning process. Even if it is a space of many unforeseen events, it is essential to consider that formal education must be one of the possibilities of overcoming the situation that is experienced.

Keywords: *Youth and Adult Education, Prison Education, Teaching Work.*

INTRODUÇÃO

Neste estudo abordamos uma atividade realizada no contexto prisional com ênfase no trabalho docente e nos depoimentos dos privados de liberdade sobre a sua formação no âmbito da educação de jovens e adultos. O Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos Jair Fiorin inserido na Penitenciária Estadual Modulada de Ijuí/RS, em que o trabalho foi desenvolvido tem bases significativas na educação popular.

Pressupõe educação popular como uma metodologia ou uma escolha a ser desenvolvida no aspecto mais humanizado do campo pedagógico. O Núcleo tem como base teórica a concepção da educação libertadora, participativa, dialógica e comprometida. Os docentes observam a educação como um direito de todos e se propõem a orientação e a construção do conhecimento numa perspectiva de inclusão e de transformação social, referenciada na realidade histórica, e na interação com os diferentes saberes, de forma a oportunizar a reinserção da pessoa privada de liberdade na sociedade.

O objetivo é observar de que forma se dá o processo de ensino aprendizagem a partir da metodologia da educação popular, a que se destina a espaços onde se pauta o diálogo, e a formação de competências e habilidades para pessoas em situação de cárcere.

METODOLOGIA

Os dados foram elaborados e produzidos a partir de um estudo de observação e pesquisa bibliográfica em autores como: Paulo Freire, Miguel Arroyo e na análise das discussões no grupo de docentes, quando em reuniões pedagógicas realizamos o registro das falas sobre a formação dos adultos do Núcleo Estadual de Jovens e Adultos Agente Penitenciário Jair Fiorin inserido na Penitenciária Modulada de Ijuí/RS. Destacamos que, recolhemos depoimentos de três alunos sobre sua formação, a fim de estabelecer uma relação com a formação que têm no espaço prisional.

Procuramos sempre respeitar os princípios éticos estabelecidos pela própria instituição. Participavam das reuniões oito professores e uma funcionária, os quais não serão mencionados individualmente, apenas para referência de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos Agente Penitenciário Jair Fiorin(NEJAAPJF) está inserido na Penitenciária Modulada de Ijuí e tem como bases pedagógicas a concepção da educação libertadora, participativa, dialógica e comprometida com a educação, como um direito de todos os cidadãos, propõem a orientação e a construção do conhecimento numa perspectiva de inclusão e de transformação social, referenciada na realidade histórica, e na interação com os diferentes saberes, de forma a oportunizar a reinserção da pessoa privada de liberdade na sociedade.

A escola prisional requer uma mudança de pensamentos e a própria noção do que se estabelece como educação escolar. É um chamamento para o “despir-se” de preconceitos, os quais estabelecidos pela sociedade capitalista e neoliberal que precisam ser superados para adentrar em uma ótica de emancipação e construção de práticas pedagógicas de liberdade.

A necessidade da pesquisa no campo pedagógico no que cerne à educação prisional vem à tona, no estabelecimento de alternativas claras para esta modalidade de ensino, revendo conceitos e buscando formas eficazes para o desenvolvimento de projetos, atendendo as demandas do ensino aprendizagem. Buscar metodologias que

venham a suprir a necessidade do educador no seu trabalho pedagógico e na troca de experiências com os sujeitos envolvidos deve ser prática rotineira do trabalho docente.

A educação deve ser livre de precedentes e destinada a qualquer cidadão a partir dos quatro anos de idade analisando sua obrigatoriedade nos níveis fundamental e médio. É dever da família nas garantias de assistência proporcionar e viabilizar aos sujeitos as necessidades básicas que resultem em seu encaminhamento à escola, tendo em vista o que estabelece o artigo 55 do ECA (BRASIL, 1990): “Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”.

É dever do estado, no que se refere, ao ensino e a manutenção do mesmo em todas as esferas e modalidades que o cabem, sendo que, União, Estados, Distrito federal e Municípios devem reunir esforços para gestar a educação como um todo.

Toda esta premissa faz jus a todos os sujeitos regidos constitucionalmente pela carta magna da federação sendo cabível a todos os brasileiros. O ensino de jovens e adultos (EJA) também está garantido na LDB (BRASIL, 1996) no seu artigo 37 parágrafo 1º.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Trazer a educação como meio de inserção socioeducativa de sujeitos privados de liberdade, é o que se propõem a educação prisional com o objetivo de reintegrar os privados a sociedade.

Considerando o aumento da população carcerária no Brasil e conseqüentemente o aumento da oferta de vagas nas escolas prisionais existe a necessidade do estudo quanto à políticas e estruturas para o ensino prisional, trazendo também a necessidade do educador em buscar alternativas para a melhoria de sua prática em sala de aula.

Trabalhar como docente em uma escola prisional faz do educador um ouvinte e estas vozes vem de pessoas que são silenciadas pelo sistema, oprimidos e excluídos do convívio social e que chegaram ao máximo do “expurgo social”, tais sujeitos são situações problemas para a sociedade e que se soluciona partindo da privação como forma de superação de tais problemas, porém se observa que o descaso em construir políticas públicas por parte de governos a fim de diminuir desigualdades se torna cada vez mais inexistentes vendo que, tal descaso origina a massa encarcerada do Brasil.

A pessoa privada de liberdade por mais enclausurada e presa em suas ideias e no sistema que o cerca tem em sua vivência, seus pensamentos e convicções, o embate a ser feito refere-se a autoanálise do ser social, e qual sua posição quanto agente transformador da sociedade e como se faz atuante e quais as expectativas tanto do privado quanto da própria sociedade para com ele. O reconhecimento da formação do indivíduo e a necessidade de encaminhamento para a razão crítica são essenciais para a emancipação dos sujeitos privados. Segundo Santos (2011 p.126),

Sem deixar de reconhecer que o indivíduo é formado a partir dos condicionantes sociais, é preciso caminhar na contramão da homogeneidade que o totalitarismo coletivo impõe. Diante dessa situação, que não é obra do acaso, mas foi intencionalmente construída, é preciso apontar para outra opção, para uma nova racionalidade, ou seja, a razão crítica.

O sujeito da educação de jovens e adultos inserido no contexto prisional traz consigo marcas profundas da opressão sofrida quanto participe da sociedade contemporânea. O estar confinado em um espaço que passa a ser sua morada se torna identidade do indivíduo e sua permanência no ambiente prisional durante longos períodos faz com que se pense alternativas significativas para seu cotidiano, tendo em vista a escola como forma de socialização, aqui toma frente à ideia de ressocialização. Segundo Onofre (2002, p. 174).

A escola vista ser apontada como local de comunicação, de interações pessoais, onde o aprisionado pode se mostrar sem máscaras, afigura-se, portanto, como oportunidade de socialização, na medida em que oferece ao aluno outras possibilidades referenciais de construção de sua identidade e de resgate da cidadania perdida.

A pluralidade está presente no dia – dia da escola prisional. Valorizar o plural e o subjetivo devem ser pontos chave da relação entre educador e educando. A escola quanto espaço amplo de saber deve pautar pelas experiências a que os educandos carregam consigo, experiências estas, que farão do processo pedagógico uma nova perspectiva de consciência crítica nos envolvidos neste processo. Segundo Freire (1981) "Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca na vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício transformador da realidade condicionante".

Ao analisar o conceito de liberdade ⁴nos deparamos com o contraponto que seria a ausência desta ou a prisão, privação de algo, ser privado do mundo tem um significado de dor e no sistema prisional esta privação vem como forma de castigo para que o sujeito privado repense suas atitudes quanto participante da sociedade e faça com que sua relação com o mundo venha a se modificar ou ter uma nova forma de ver este mundo que o espera pós privação. Estar preso é estar privado de tudo o que antes era cotidiano, agora seu dia – dia é ser sujeito privado por determinado tempo estabelecido pelo seu julgamento. As várias mentes que estão inseridas em uma penitenciária, os vários sujeitos e suas realidades são plurais e formam o universo prisional bem como os envolvidos no processo de ensino aprendizagem que a escola prisional oferece.

O processo de reconhecimento da realidade do sujeito e a reflexão sobre sua vivência são peças importantes no processo de transformação social a que se espera dos privados de liberdade. Para que se efetivem situações de transformação, é necessário se estabelecer metodologias pertinentes a espaços plurais ou prisionais como é o caso do Núcleo Jair Fiorin. Para tanto o suporte metodológico a que se estabelece como pressuposto é o da educação popular.

È sabido a necessidade de compreensão por parte do educador que sua prática deve ser revista analisando que, o educador popular tem outro formato de prática pedagógica afastando – se do que se vê como educação capitalista ou dita bancária, superando os processos de ensino aprendizagem a que seus educandos já tiveram contato no ambiente externo, revendo práticas pedagógicas e com isso trazendo possibilidade de comunicação entre os educando e o mundo da liberdade a que os espera.

⁴ Liberdade segundo o dicionário UNESP do português contemporâneo faz referência a supressão ou ausência de toda opressão.

Não é de se estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo como transformadores dele como sujeitos.(FREIRE,1983.P.68)

Quanto à educação popular, entendemos como um caminho de valorização dos educandos a partir de suas práticas e suas vivências, ou ainda o que este educando traz junto para o ato de construção da dialogicidade. Este ato pressupõe a troca pedagógica feita entre educador e educando. Estes como parte integrante da dialética da educação assumem a co-responsabilidade de fazer do processo pedagógico um dos meios de reconstruir espaços de vida digna.

O respeito ao cotidiano e a bagagem cultural e social do educando são exercícios da humana docência e segundo Arroyo (2000, p. 17), “a escola e nossa docência, existem em uma cultura, em uns significados sociais e culturais, em uma trama de interesses, de valores e lógicas essa trama é materializada no cotidiano escolar”. O educador ao escolher os conteúdos a serem trabalhados realiza um dos pontos mais importantes para o trabalho pedagógico em sala de aula. Segundo Fensterseifer o sujeito deve ser colocado como ênfase do processo para que se atinja a educação emancipatória.

Para que isso se coloque como possibilidade, no entanto, deve – se tomar o sujeito como efeito de processos de subjetivação e realidade histórica. Esta historicidade dos sujeitos e do mundo é o espaço possível da educação e do exercício da cidadania, e a consciência desta “plasticidade” dos sujeitos é que nos possibilita pensar uma educação emancipatória(Fensterseifer 2010, p.55).

Os educandos são em sua maioria adultos com idades variantes entre 18 e 70 anos em turmas multiseriadas que variam dos anos finais do ensino fundamental até o ensino médio. Com a variedade de series inseridas na escola, o trabalho docente redobra seu planejamento fazendo com que, o corpo docente pense em alternativas de planejamento diversificadas e focadas em cada realidade presente em sua sala de aula.

O núcleo ainda possui uma turma de alfabetização com oito educandos a que dois educadores se revezam no trabalho docente buscando a inserção dos sujeitos ao mundo das letras. Estes nesta modalidade chamados alfabetizandos, que no período de três

vezes por semana são instigados e desafiados em buscar a alfabetização como uma das formas de liberdade de si para sua inserção no mundo pós-privação.

Passamos a analisar um exemplo objetivo do processo da formação partindo do método freiriano. Neste âmbito são inúmeras as possibilidades de trabalho e métodos a serem utilizados, como base para o educador fazer a articulação entre o saber e a prática. O exemplo a seguir refere-se a uma aula de alfabetização: Ao partir da palavra, “oprimido” buscamos o conceito da mesma para chegarmos ao entendimento. Uma vez elaborado o conceito construímos frases criadas pelos educandos que provocados pelo educador chegaram aos seguintes depoimentos: “Somos oprimidos, pois, a sociedade nos julga,” “ A gente precisa mostrar o valor que temos por que também somos gente”; Quando sair daqui quero continuar meus estudos pra mostrar pra mim mesmo o quanto eu sou capaz”.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como” corpos conscientes e na consciência como consciência intencionada ao mundo (FREIRE, 1983, p. 77).

As manifestações dos educandos favorecem entrarmos no processo do diálogo em que todos têm a oportunidade de falar sobre suas experiências e vivências. Ao se estabelecer o diálogo é feita a produção de dados que servem de análise para a construção de trabalhos posteriores a estes. Tivemos a experiência de após essas falas serem redigidas cartas pelo próprio educador, a fim de serem manifestadas as opiniões dos sujeitos privados de liberdade em que este material serve de base para o planejamento das atividades a serem trabalhadas em aula.

Mostrar a cada sujeito privado de liberdade que ele pode mais que sua realidade atual é também um ato de amor à educação e a pessoa. A escola, independentemente do local em que está inserida, possui uma tendência de abrir caminhos nunca antes percorridos. A mudança ocorre quando o sujeito é instigado de forma humana em que respeitar suas vivências é ponto importante na relação educador-educando, cada um responde a uma posição que deve ser muito bem estabelecida por ambas as partes. No entanto, somente o educador popular que realmente compreende

sua posição como mediador de processos, mostra aos seus educandos as possibilidades de transformação da sociedade e tem a possibilidade de transformar “situações problema” em ações de aprendizagem.

Os estudos a respeito de educação prisional são rotineiros nas reuniões do grupo docente do NEJAAPJF, semanalmente o corpo docente se reúne a fim de relatar suas experiências e a forma como foi o andamento do trabalho na semana que passou. Estudos sobre propostas pedagógicas e leituras são feitas a fim de construir possibilidade de novas práticas para o trabalho.

Desta forma salienta Streck (2014) ao dizer que o “educador popular é parte do fazer educativo dos educandos que possuem determinado projeto de sociedade como diretriz”. O reconhecimento do educador popular como centro dos diálogos é pertinente quando, estabelecemos o ouvir como parte da proposta de planejamento. Construir planejamentos onde se faça do ouvir uma ação pedagógica é princípio de uma educação libertadora, dar ouvidos aos calados pela sociedade que pauta pelo valor econômico em detrimento ao humano.

Cabe salientar a importância do compromisso do educador popular em trazer um projeto emancipatório para que se pense no projeto pós privação para tanto lutar para o estabelecimento de uma educação livre se faz presente na alma do educador que busca raízes no fazer pedagógico pautado na educação popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo preocupou-se em analisar a relação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem na educação de jovens e adultos no sistema prisional a partir da observação e dos próprios relatos de educando bem como educadores. Usando como recorte alunos em situação de privação de liberdade e que estão devidamente matriculados nas aulas regulares da EJA do Núcleo Jair Fiorin. O que podemos observar é uma busca constante por possibilidades pedagógicas por parte dos educadores, estes sempre interessados em estabelecer novas práticas e com elas estabelecer ligação entre conceitos que se possam contribuir com a vivência dos sujeitos no processo de ensino aprendizagem.

O que podemos esperar da educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade? Bem sabemos que, geralmente, esperamos muito da educação escolar, sistemática. Uma prática possível neste espaço é permitir o diálogo sobre a vivência de cada sujeito e o respeito a sua realidade. Somos marcados por experiências e o partilhar destas situações faz com que o conhecimento e a cultura permaneçam vivos e assim o aprendizado pode ser compartilhado por todas as partes envolvidas no processo de ensino – aprendizagem. Mesmo se tratando de um espaço de muitos imprevistos, é fundamental considerar que a educação formal deve estar sendo uma das possibilidades de superação da situação vivida. Ao dialogar e apostar em outro universo possível favorecemos a construção de outra realidade. É desafiador, porém possível.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FENSTERSEIFER, Paulo. Educação Popular e Paradigmas Emancipatórios **Contexto e Educação**. Ijuí, v 1 n. 83, p 49-66, Jan/Jun.2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANTOS, Silvio. *In* **O Espaço da Prisão e suas Práticas Educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas**. Arlindo da Silva Lourenço, Elenice Maria Cammarosano Onofre (org). São Carlos: Edufscar, 2011.

STRECK, Danilo R. *et al.* **Educação Popular e Docência**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BORBA, Francisco S. **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.